



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL**  
CAMPUS CHAPECÓ

Curso de Letras  
Português e Espanhol

MARIA EDUARDA ALBUQUERQUE

Metáforas de representação da mulher em *podcasts*: um estudo a partir da Teoria da Metáfora  
Conceitual

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora prof.<sup>a</sup> Dra. Morgana Fabiola Cambrussi

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 08/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dra. Morgana Fabiola Cambrussi (UFFS)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Derlise Stübe (UFFS)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Alice Ribeiro Diönizio (IFSC)

# Metáforas de representação da mulher em *podcasts*: um estudo a partir da Teoria da Metáfora Conceitual<sup>1</sup>

Maria Eduarda Albuquerque<sup>2</sup>

maria.allbuquerque05@gmail.com

**Resumo:** A presente pesquisa investiga sequências discursivas com metáforas de representação da mulher produzidas em episódios de *podcasts* a partir de visões externalizadas em discursos masculinos. A seleção dos episódios a serem investigados partiu da análise da lista dos *podcasts* mais reproduzidos no Brasil no ano de 2024. Após a seleção, foram identificadas, classificadas e analisadas as metáforas de representação da mulher utilizadas nos episódios pelos participantes, entrevistadores e entrevistados, com o intuito de investigar como as mulheres estão sendo representadas nos discursos e como isso contribui para a construção de uma visão social sobre o gênero feminino. Esta investigação, relacionada a discursos midiáticos e representações de gênero na sociedade atual, teve como base teórica principal a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980), tendo em vista a importância da metáfora na construção do pensamento social. Em termos metodológicos, a pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, com o objetivo de identificar as possibilidades interpretativas das metáforas utilizadas nos episódios analisados. Os resultados apontam que são mobilizadas as metáforas MULHER É GOLPISTA, MULHER É CONTROLADORA, MULHER É CUIDADORA, MULHER É FRÁGIL, MULHER É LOUCA, MULHER É PERSONAGEM, MULHER É CULPADA, MULHER É OBJETO e MULHER É FORÇA DA NATUREZA, que corroboram a visão sexista presente na sociedade, refletindo uma construção social patriarcal quanto ao gênero.

**Palavras-chave:** Metáfora conceitual; metáforas sobre mulher; representações de gênero.

## Introdução

A metáfora é um dos mecanismos centrais na estruturação da linguagem, influenciando nos pensamentos e ações dos seres humanos ao estar presente no dia a dia da sociedade, de forma voluntária e involuntária. O conceito de metáfora conceitual, desenvolvido por George Lakoff e Mark Johnson (1980), aponta que metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas são fundamentais para o nosso pensamento e ações cotidianas. Elas estão integradas à nossa forma de conceitualizar o mundo e às nossas experiências, mostrando que a base de nosso entendimento do mundo é, em grande parte, metafórica.

A experiência com as metáforas varia de cultura para cultura, refletindo seus valores sociais e culturais, pois as metáforas utilizadas por determinada população serão

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador(a) Prof(a). Dr(a). Morgana Fabiola Cambrussi.

<sup>2</sup> Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

coerentes com seus valores sociais e culturais. Por exemplo: MAIS É MELHOR é compatível com as metáforas MAIS É PARA CIMA e BOM É PARA CIMA. Por outro lado, a metáfora MENOS É MELHOR seria incoerente com os valores dessa mesma cultura (Lakoff; Johnson, 1980).

Por estar presente na vida cotidiana, a metáfora possibilita pesquisas voltadas à análise linguística de seu uso pela sociedade e de como isso reflete na própria sociedade. Assumindo que o Brasil é um país com raízes misóginas, formado por uma sociedade machista e patriarcal (Wanzeler, 2021), nossa investigação perpassa os discursos do gênero masculino ao utilizarem metáforas para se referir às mulheres. Em análise, será possível identificar se as metáforas presentes no recorte de falas investigado de fato retratam o cenário patriarcal e como isso influencia na construção da identidade social das mulheres e sobre elas na sociedade contemporânea brasileira.

A cultura digital tem se consolidado cada vez mais presente no cotidiano da sociedade contemporânea. O consumo de conteúdos digitais através de mídias sociais e plataformas de *streaming* tornou-se crescente nos últimos anos. O *podcast*, por exemplo, possui grande popularidade entre ouvintes de diferentes idades, pois, além de ser propagado em distintas plataformas, oferece uma ampla gama de conteúdo, atraindo todos os públicos de ouvintes. Por ser acessível e popular, a partir do *podcast* torna-se possível realizar análises linguísticas, por se tratar de usos linguísticos reais, produzidos em contextos específicos, nos quais são discutidos diferentes assuntos.

Considerando esse contexto digital de uso da linguagem, este artigo tem como objetivo central analisar as metáforas de representação da mulher utilizadas em *podcasts* brasileiros instanciadas em discursos masculinos, a fim de compreender como esses discursos refletem, ou mesmo reforçam, estereótipos de gênero na sociedade atual. Este estudo propõe-se a contribuir com a reflexão crítica sobre as representações de gênero na mídia e suas consequências para a construção da identidade feminina, destacando a relevância de um olhar atento às metáforas que permeiam as narrativas contemporâneas.

## **1 Referencial teórico**

Nesta seção, serão expostos dois tópicos: (i) Metáfora conceitual, breve apresentação da teoria conceitual de metáfora e conceitos básicos e (ii) Metáforas sobre

a mulher, apresentação de estudos prévios relacionados à temática, de uma perspectiva conceitual. Os itens antepostos enfatizam a importância de compreender a metáfora conceitual, proposta principalmente por Lakoff e Johnson (1980), e sua relação com as metáforas sobre as mulheres.

### **1.1 Metáfora conceitual**

Na tradição de estudos sobre metáfora, diferentes abordagens já tiveram destaque. Lopes (2005) relembra, por exemplo, visões teóricas que assumiram ser a metáfora um desvio do uso linguístico. Em claro contraste a essa posição, para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é considerada um desvio da linguagem. A partir de seus estudos, os autores identificaram a existência de duas formas de metáfora, a metáfora conceitual e a metáfora linguística. Considerando que parte da linguagem humana é metafórica, não há como realizar uma diferenciação entre conteúdo literal e conteúdo metafórico, pois a metáfora está integrada na língua: a partir das metáforas, as emoções humanas e conceitos abstratos são representados. O sistema conceitual humano é estruturado, conforme os autores, a partir da necessidade de experienciar uma coisa em termos de outra, a fim de facilitar a construção de sentido na comunicação.

A metáfora está contida na vida cotidiana de todas as pessoas, permeando a linguagem e surgindo involuntariamente nas enunciações dos indivíduos. Além da linguagem, a metáfora se encontra presente também nos pensamentos e ações, tendo em vista que o sistema conceptual ordinário dos seres humanos é metafórico. A metáfora atua não apenas como figura da linguagem, mas molda a capacidade de interpretar a vida, é a partir dela que tomamos decisões do dia a dia e decisões complexas, ultrapassando a linguagem; a metáfora age de forma norteadora sobre as ações dos seres humanos (Lakoff; Johnson, 1980).

Segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 3, tradução livre):

[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário,

em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.<sup>3</sup>

Seguindo a concepção dos autores, compreende-se a funcionalidade da metáfora na vida cotidiana das pessoas. A metáfora vai além da percepção do que as pessoas compreendem, de ser apenas uma figura da linguagem, a metáfora está enraizada no modo de viver de cada um. Dessa maneira, a metáfora se torna um fundamental instrumento cognitivo histórico, social e interacional, que atua nas ações das pessoas, sendo perceptível na linguagem, ações e formas de pensar.

Para Barsch (2002), a metáfora vai além de um simples processo de projeção, ela atua como mudança de perspectiva. Essa mudança de perspectiva, além de abrir novas possibilidades de interpretação, auxilia no enriquecimento da expansão de novos conceitos. Por exemplo, quando é utilizado o termo “leão” para fazer referência a um ser humano, aplicam-se ao ser humano as características fortes do animal leão, para demonstrar a força (ou a bravura) no contexto humano (Silva, 2003, p. 22).

Em seus estudos, Lakoff e Johnson (1980) mostram exemplos reais do uso cotidiano da metáfora e como ela se estrutura na nossa linguagem. Exemplos como DISCUSSÃO É GUERRA trazem em si a funcionalidade da metáfora na linguagem cotidiana. A partir dessa metáfora, os autores dialogam sobre as instanciações metafóricas proporcionadas pela metáfora, como nas frases abaixo:

Seus argumentos são *indefensáveis*;  
Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação;  
Suas críticas foram *direto ao alvo*;  
*Destruí* sua argumentação (Lakoff; Johnson, 1980, p. 4)<sup>4</sup>.

A disputa que é expressada nos exemplos não traz a ideia de *guerra* como ações de combate físico, mas sim de uma disputa de linguagem. Em uma discussão, há defesa, ataque e contra-ataque, assim como normalmente ocorre em uma guerra real, há quem ganhe e há quem perca, toda a estrutura de uma discussão se assemelha à estrutura de

---

<sup>3</sup> Tradução livre. No original: “[...] that metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.” (Lakoff; Johnson, 1980, p.3).

<sup>4</sup> Tradução livre. No original: “Your claims are indefensible. He attacked every weak point in my argument. His criticisms were right on target. I demolished his argument.” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 4).

uma guerra real, levando em consideração as culturas que compreendem as discussões como guerras verbais.

Lakoff e Johnson (1980) cunharam a definição de domínios da experiência humana para explicar as metáforas e instanciações das metáforas, chamados de DOMÍNIO-ALVO e DOMÍNIO-FONTE. Para os autores, DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, ou alternativamente, DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE, ou seja, a base da metáfora é o domínio-fonte, já o domínio-alvo é aquilo que será compreendido a partir do outro domínio (Lakoff, 1993). Relacionando com o exemplo acima, de que DISCUSSÃO É GUERRA, assume-se que *guerra* é o domínio-fonte e *discussão* é domínio-alvo, por exemplo, em: *Destruí* sua argumentação, o termo *destruí* remete à ideia de ação militar de ataque, no entanto, fala-se sobre uma discussão argumentativa. Essa expressão metafórica mostra como os domínios se inter-relacionam em expressões linguísticas de uso cotidiano.

Outro exemplo de usos reais da metáfora que os autores Lakoff e Johnson (1980) trazem é a ideia de que TEMPO É DINHEIRO. De fato, na maioria das culturas, o tempo (domínio-alvo) é algo que vale muito, e a metáfora que está presente na língua é justamente a de que tempo vale dinheiro (domínio-fonte). Segundo os autores, essa metáfora está presente nas seguintes instanciações:

Eu não *tenho* tempo para te *dar*.  
Como você *gasta* seu tempo hoje em dia? Esse pneu furado me *custou* uma hora.  
Eu *investi* muito tempo nela.  
Eu não *tenho* tempo suficiente para isso. Você está *ficando sem* tempo (Lakoff; Johnson, 1980, p. 8)<sup>5</sup>.

A percepção de que tempo é dinheiro foi construída durante os anos pelas sociedades ocidentais. Diariamente, as pessoas recebem pelo tempo que dedicam ao realizar determinados trabalhos, como motoristas de táxi, taxas diárias de hotel, juros de boletos etc. Essa cultura de que tempo é dinheiro mostra que o tempo é um recurso limitado e um bem valioso, ou seja, deve ser valorizado.

---

<sup>5</sup> Tradução livre. No original: "I don't *have* the time to *give* you. How do you *spend* your time these days? That flat tire *cost* me an hour. I've *invested* a lot of time in her. I don't *have enough* time to spare for that. You're *running out of* time." (Lakoff; Johnson, 1980, p. 8).

Segundo os autores, nessa construção social e cultural, TEMPO É DINHEIRO, sendo assim, tem-se *dinheiro* como domínio-fonte e *tempo* como domínio-alvo, pois se entende o domínio da experiência humana com o *tempo* em termos do domínio da experiência humana com o *dinheiro*. Segundo Lakoff (1993), a metáfora envolve compreender um domínio em termos de um outro domínio totalmente diferente. A expressão metafórica “Você está me fazendo *perder tempo*” exprime a ideia de que “perder” diretamente relaciona-se ao dinheiro, pois quando se perde, perde-se algo de valor. Como consequência, a partir do domínio-fonte experiencia-se o domínio-alvo.

Conforme já destacado, Lakoff (1993) define a metáfora como a compreensão de um domínio da experiência por meio de outro, ressaltando sua função estrutural no pensamento humano. Como por exemplo *o amor* em *domínios* relacionados com o de uma *jornada*. Mais tecnicamente, a metáfora pode ser entendida como um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio-fonte (neste caso, jornadas) para um domínio-alvo (neste caso, amor). O mapeamento é rigidamente estruturado. Existem correspondências ontológicas, segundo as quais entidades no domínio do *amor* (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, o relacionamento amoroso etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma *jornada* (os viajantes, o veículo, destinos etc).

As metáforas conceituais são fundamentadas em esquemas de imagem criados a partir das interações que cada indivíduo possui com o ambiente em que tem contato. Os esquemas, juntamente com domínios, *frames* e as metáforas em si, compõem os Modelos Cognitivos Idealizados, responsáveis por estruturar os conhecimentos, sendo moldados pelas necessidades, valores e experiência ao longo da vida de cada ser humano (Kövecses, 2017). Por serem flexíveis, são suscetíveis a mudanças ao longo da vida de cada um, conforme novas vivências são inseridas ao longo de sua existência. Esses modelos se inter-relacionam e formam o entendimento do mundo de cada indivíduo, isso dependendo de qual sistema cultural ele está inserido (Lakoff, 1987).

Lakoff e Johnson (1980) destacam em suas pesquisas o sistema de metáforas orientacionais, as quais organizam um sistema de conceitos para relacionarem-se com outros. O nome foi dado pelo fato de que o ser humano vive em relação ao mundo físico, por conta disso, termos espaciais como: para cima - para baixo, dentro - fora,

frente - trás, em cima de - fora de, fundo - raso, central - periférico são considerados parte de um sistema de metáfora orientacional. Além da disposição física, corporificada, a cultura é outro aspecto importante para o funcionamento das metáforas orientacionais, uma vez que nem todas as culturas consideram que o futuro é para frente, por isso, deve-se analisar as metáforas a partir do contexto cultural. Na grande parte dos sistemas culturais, considera-se que FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO, como nos exemplos:

Eu estou me sentindo *para cima*;  
Aquilo *levantou* meu moral;  
Meu astral *subiu* [...];  
Estou me sentindo *para baixo*;  
Estou *deprimido*;  
Eu *caí* em depressão (Lakoff; Johnson, 1980, p. 15)<sup>6</sup>.

Os exemplos das instanciações metafóricas anteriores mostram como “ser feliz” é considerado nas metáforas sempre para cima, os termos em destaque mostram essa utilização metafórica. Já quando se trata de tristeza, os termos utilizados estão relacionados com o baixo (Lakoff; Johnson, 1980).

Segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 22, tradução livre), “Os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura”<sup>7</sup>, dessa maneira, os autores mostram a importante relação que a cultura possui com as estruturas metafóricas. Esses aspectos podem ser compreendidos a partir de exemplos como: “O futuro será melhor”, relacionado com a sensação de progresso; “Haverá mais futuro”, tendo em vista o acúmulo de bens materiais; e “Seu *status* deverá ser mais alto no futuro”, considerando o conceito de progressão de carreira. Esses exemplos citados mostram como os valores representados por metáforas formam um sistema coerente e independente, que funciona para orientar e organizar a vida cotidiana das pessoas.

Ao longo desta seção, explorou-se como é fundamentada a construção de metáforas e instanciações metafóricas na vida cotidiana, segundo os autores Lakoff e

---

<sup>6</sup> Tradução livre. No original: “I’m feeling *up*. That *boosted* my spirits. My spirits *rose*. I’m feeling *down*. I’m *depressed*” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 15).

<sup>7</sup> Tradução livre. No original: “The most fundamental values in a culture will be coherent with the metaphorical structure of the most fundamental concepts in the culture.” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 22).

Johnson. Com isso, podemos perceber que as metáforas não só refletem a realidade cultural dos indivíduos que a utilizam, mas também exercem um papel fundamental na construção ideológica da sociedade.

Na próxima seção, focaremos nas metáforas relacionadas à representação da mulher na sociedade, refletindo como o gênero feminino é compreendido em metáforas e em instanciações metafóricas em diferentes pesquisas já realizadas, explorando como essa representação influencia na construção social de uma identidade feminina ou reflete essa construção social.

## **1.2 Metáforas sobre a mulher**

A metáfora está presente no cotidiano das pessoas, além de fazer parte do sistema conceptual humano. As metáforas, para além do seu sentido, mostram também os aspectos principais da cultura do falante, quer dizer, ao utilizar metáforas, o falante expressa em seu discurso seus valores culturais. Dessa maneira, diversos pesquisadores voltaram-se para a pesquisa de como as mulheres são retratadas em metáforas do uso cotidiano, em diferentes ambientes. As autoras Almeida, Santos e Santana (2023) voltaram-se para a pesquisa sobre a utilização de metáforas relacionadas às mulheres, contidas nas cartas da inquisição do século XVIII. A partir de suas análises, definiram algumas metáforas em relação às mulheres: MULHER É DEMÔNIO; MULHER É SANTA; MULHER É MERCADORIA; MULHER É FILHA; MULHER É BEM DANIFICADO etc.

Durante suas pesquisas, Almeida, Santos e Santana (2023) identificaram fortemente a presença da metáfora MULHER É SANTA nas cartas analisadas. No decorrer da história, a mulher vem sendo inserida nessa posição de santidade, essa inclinação se iniciou desde o princípio para o mito cristão de surgimento da vida humana, quando no livro de Gênesis da Bíblia se instituiu que Eva era pura e santa. Toda mulher que se distancia do conceito de castidade perde a posição de santidade na sociedade, e quem dita a regra de quem é santa ou não é o gênero masculino, repleto de privilégios nas sociedades históricas e na atual. Em uma das cartas analisadas, as autoras identificaram a seguinte frase: “[...]me disse q hua mulher parda q os confessores a não querião absolver por me não ter hido denunciar por eu dizerlhe q

vmce **hera hua santa e q falava com o Menino Jezus q lhe punha e tirava o anel no dedo [...]**” (Almeida; Santos; Santana, 2023, p. 332), a partir dos termos destacados, é possível identificar a percepção de santidade que é empregada na referência às mulheres.

Além dessa metáfora, as autoras identificaram a conceitualização metafórica de MULHER É MERCADORIA, visto que encontraram o seguinte trecho em uma das cartas lidas:

Este Manuel de Andrade é casado na sua freguesia com **uma crioula por nome Luzia, que foi escrava de José de Melo Tavares e de sua mulher Isabel Clara, a qual crioula foi vendida para a cidade da Bahia e a comprou o padre António Lopes este a tornou a vender no recôncavo no Rio de Joanes a João Gonçalves**. E eu a vi e falei com ela própria em pessoa em cinquenta. E, como todo o referido assim passa na verdade, assim o jurarei nos livros dos Santos Evangelhos, se assim me for perguntado. (Almeida; Santos; Santana, 2023, p. 335).

Destaca-se em negrito os termos que mostram como, nessa carta, a mulher escravizada é retratada como uma mercadoria a ser vendida. Apesar de a carta ter sido escrita em XVIII, ainda hoje as mulheres negras sofrem o reflexo da escravização. As consequências do sistema escravocrata refletem nas mulheres do século XXI, isso contribui no ciclo integralizado de racismo no Brasil. A metáfora da mulher como mercadoria mostra o retrato da mulher negra que vem se perpetuando no decorrer dos anos (Almeida; Santos; Santana, 2023). Essa fetichização se estende, no contexto atual, às mulheres em geral, mas é ainda mais fortemente percebida em relação às mulheres negras.

Para Moura (2001), na Teoria da Metáfora Conceitual, Lakoff e Johnson distanciam a metáfora do pensamento da metáfora linguística. Dessa maneira, a metáfora conceitual refere-se à estrutura cognitiva que molda a maneira que compreendemos o mundo, por exemplo em MULHER É MERCADORIA, compreende-se como entendemos o ser mulher em determinados contextos. Porém, essa estrutura conceitual é manifestada a partir de expressões linguísticas, as instanciações metafóricas, como por exemplo: “ [...] a qual crioula foi *vendida* para a cidade da Bahia e a *comprou* o padre António Lopes este a tornou a *vender* no recôncavo[...]”. O uso de *vender* e *comprar* na instanciação contida nesse trecho se estrutura a partir da metáfora

MULHER É MERCADORIA. Em outras palavras, esses usos são a materialização linguística da metáfora conceitual.

Em outra perspectiva metodológica, Ferreira *et al.* (2019) partiram de uma análise literária para definir as metáforas destinadas a mulheres. A primeira crônica analisada pelas autoras foi “Pela TPM nas salas de aula!<sup>8</sup>”, do autor Antonio Prata. No decorrer de toda sua crônica, o autor tenta mostrar que o sexo masculino é um ser estável, enquanto as mulheres são dominadas por seus hormônios e, conseqüentemente, instáveis, transmitindo a superioridade masculina. Segundo o cronista: “O sexo oposto, durante alguns dias, todo mês, age de maneira absolutamente diferente do habitual. Nesses períodos nebulosos, uma gota de leite que caia para fora do copo pode desencadear uma choradeira [...]” (Ferreira *et al.*, 2019, p. 1416). Nesse trecho, é possível perceber diferenças entre as metáforas destinadas às mulheres e aos homens, pois MULHER É INSENSATA, DESEQUILIBRADA enquanto o HOMEM É SENSATO, e por ser superior, sabe “lidar” com o sexo desequilibrado (Ferreira *et al.*, 2019).

Além dessa crônica, as autoras analisam também elementos da crônica “Homem é homem”, de Fernando Veríssimo. Ao contrário de Antonio Prata, Veríssimo tenta recorrer ao humor para mostrar que, se o homem realizar algumas ações tidas como femininas, ele é “mulherzinha” ou “veado”, reforçando o estereótipo feminino de fragilidade e inferioridade. Quando o autor diz: “HQEH não tem “amigas”, quem tem “amigas” é veado [...]. Um HQEH não responde a testes. Um HQEH acha que teste é coisa de veado” (Ferreira *et al.*, p. 1417, 2019), consideraria que homem que é homem (HQEH) não pode fugir dos estereótipos que são destinados a ele, caso contrário, a masculinidade frágil impõe que pode ser comparado a uma pessoa LGBT ou ao sexo feminino. Suas frases indicam que a MULHER É FRÁGIL, ao contrário do homem que é viril e macho (Ferreira *et al.*, 2019).

Ferreira *et al.* (2019) também analisam uma crônica da escritora Claudia Tajese, chamada “Mulheres líquidas”. A partir das percepções da autora em seu texto, as mulheres são mais emotivas e vivem chorando. A escritora discorre: “A gente passa a vida comprovando: mulheres choram mais que os homens. [...] no duro, doa a quem

---

<sup>8</sup> As autoras não inserem as referências das crônicas utilizadas em seu trabalho.

doer, o páreo é desigual. [...] Basta um motivo ou uma suspeita de motivo, e pronto. Lá vem água.” (Ferreira *et al.*, 2019, p. 1418). Dessa forma, compreende-se que, para Claudia Tajese, a MULHER É IRRACIONAL. Segundo seu texto literário, as mulheres são sensíveis, e por qualquer motivo se colocam a chorar, reforçando o conceito que a sociedade patriarcal estruturou, de que a mulher é irracional, enquanto os homens são seres racionais e por isso o masculino é “superior”.

Já a investigação de Lopes (2005) apresentou análises de metáforas em relação à mulher contidas em duas diferentes tipologias de revistas do ano de 2004. Sua coleta resultou em uma análise que mostrou que as metáforas foram utilizadas para designar a mulher como: animais, artefatos e suas propriedades, elementos da natureza e elementos ficcionais. Em relação à representação de mulheres (domínio-alvo) como animais (domínio-fonte), percebe-se diferentes tipos de transferências metafóricas, sejam elas em relação à inteligência: “Anta nordestina”, temperamento/caráter: “Ela é uma cobra”, comportamento sexual: “Ela é uma piranha”, características físicas: “Ela é uma girafa”.

O termo “Anta nordestina”, além da xenofobia explícita no termo, faz referência a um animal para julgar a inteligência de uma mulher. No caso desse exemplo, a inteligência da mulher está sendo julgada e considera-se que ela possui pouca capacidade cognitiva, dessa maneira, o termo “anta” é uma expressão semântica que mostra a valoração negativa em relação às capacidades da mulher. Já em “Ela é uma cobra”, transmite-se a ideia de personalidade de uma mulher relacionada a alguém de conduta ardilosa. O termo “cobra” remete ao animal que rasteja, que é venenoso, quando se tem que a MULHER É COBRA, tem-se que essa mulher é falsa e não confiável. A expressão “Ela é piranha” faz referência à mulher como um objeto sexual e ao sentido de mulher como devoradora de homens. Já em “Ela é girafa”, a expressão diz respeito à forma física da mulher, por ser um animal alto, mulher que é comparada com girafa traz a noção de que ela é alta demais para os padrões masculinos, os quais definem o aceitável e o desejável (Lopes, 2005).

Em relação à mulher como artefato e suas propriedades, pode-se utilizar como exemplo a frase “Ela é um avião”, pois o “avião” diz respeito à mulher ser bonita e atraente. No entanto, na frase “Que canhão”, a expressão “canhão” quer dizer que a mulher referida é uma pessoa feia. Ambas expressões colocam a mulher em um lugar de

um artefato, aberta à comparação com os materiais a partir de um juízo sobre sua beleza. Assim como artefato, as mulheres são comparadas também a elementos da natureza, como em “Ela é um bloco de gelo”, expressão que coloca a mulher como uma pessoa fria, sem sentimentos, um elemento da natureza gelado com o qual o excesso de contato machuca. Por fim, as mulheres também foram comparadas com elementos ficcionais, como em “Ela é uma bruxa”: nesse caso, a beleza da mulher está sendo julgada e se ela é bruxa, é feia, uma vez que os traços destinados a comparar uma mulher a uma bruxa são os relacionados à feiura de alguém, conforme os padrões de beleza assumidos (Lopes, 2005).

Tendo em vista a presença diversificada de metáforas para representação das mulheres em diferentes estudos acerca de comportamentos e práticas de linguagem na sociedade, torna-se importante a sistematização das distintas metáforas encontradas e analisadas nesses gêneros. A partir dos pesquisadores referenciados neste artigo, encontram-se as seguintes metáforas e expressões metafóricas nos resultados de suas investigações:

Quadro 1 - Quadro de metáforas e expressões metafóricas

METÁFORA	DOMÍNIO-FONTE	DOMÍNIO-ALVO	TRANSFERÊNCIA METAFÓRICA
MULHER É SANTA Almeida; Santos; Santana (2023)	Santa	Mulher	Mulher é ser puro e imaculado; divindade.
MULHER É MERCADORIA Almeida; Santos; Santana (2023).	Mercadoria	Mulher	Mulher é produto, lucrativo, corpo a ser vendido.
MULHER É INSENSATA Ferreira <i>et al.</i> (2019).	Insensata	Mulher	Mulher é desequilibrada. Mulher é chorona sentimental, sensível.
MULHER É FRÁGIL Ferreira <i>et al.</i> (2019).	Frágil	Mulher	Mulher é fraca, sentimental, sensível.
MULHER É IRRACIONAL Ferreira <i>et al.</i> (2019).	Irracional	Mulher	Mulher é chorona, frágil, sensível.
MULHER É ANIMAL	Animal	Mulher	Mulher é anta, cobra, piranha, girafa.

Lopes (2005).			
MULHER É ARTEFATO E SUAS PROPRIEDADES Lopes (2005).	Artefato e suas propriedades	Mulher	Mulher é canhão, avião, bloco de gelo, bruxa

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A partir do quadro, é possível notar que, apesar de os autores escolherem diferentes materiais para analisar, em todos os casos as mulheres são representadas através das metáforas de maneira negativa. Almeida, Santos e Santana (2023) investigaram as cartas da inquisição, escritas no século XVIII, Lopes (2005) trabalhou com materiais de 2004 e, apesar da grande diferença de tempo, em ambos os casos as mulheres são representadas de forma negativa.

Em vários exemplos, é possível notar como o corpo da mulher está em discussão. Como nas metáforas: MULHER É SANTA, onde é mostrada a visão da sociedade da época sobre as mulheres, relacionando-as com seres divinos, santidade, relações vindas, principalmente, das pregações religiosas relacionadas à Maria, mãe de Jesus, e à crença de que as mulheres, para serem santas, precisam ser puras e imaculadas (controle sobre os corpos e sobre a atividade sexual). Outro caso que destacamos é MULHER É MERCADORIA: agora a metáfora empregada para *mulher* foge do sentido de santidade e parte para o preconceito e venda de corpos. Ainda que o exemplo de texto que as autoras analisam esteja inserido no contexto da escravização de pessoas, é preciso reconhecer que os corpos femininos, principalmente pardos, ainda são vistos na sociedade como mercadoria a ser entregue a um homem, como pontua Gonzalez (2020, p. 166): “O estabelecimento definitivo do capitalismo na sociedade brasileira produziu seus efeitos na mulata: ela se tornou uma profissional. [...] Ela foi claramente transformada em uma mercadoria para consumo doméstico e internacional”, essa afirmação, é reflexo dos preconceitos do passado que transpassam até os dias atuais.

Nesse mesmo contexto relacionado aos corpos femininos, Ferreira *et al.* (2019) analisaram as metáforas contemporâneas relacionadas à mulher presentes na literatura. A partir dessa análise, foi identificado, na visão masculina, como a mulher é vista em relação a seu corpo que menstrua, por conta de sua condição biológica, a mulher é

julgada a partir da TPM. Segundo narra Antonio Prata, o autor da crônica, as mulheres são desequilibradas, enquanto os homens são seres equilibrados e que possuem dificuldade de saber como lidar com mulheres emotivas e raivosas de TPM. Em outro exemplo, os autores trazem a crônica “Homem é homem”, de Fernando Veríssimo. O autor brasileiro expressa a sexualidade frágil do homem, em que ações de higiene básica e cuidados com o corpo e saúde são interpretados como indícios da fragilidade que apenas a mulher possui (ou uma pessoa LGBT). Homem é macho, quem se distancia disso é “mulherzinha” sensível.

Já Lopes (2005) trabalhou com metáforas contidas em revistas. Destaca-se, pelo material analisado por ela, como são realizadas, diversas vezes, comparações da mulher com algum animal. Ao representar o domínio-alvo *mulher* com o domínio-fonte *animal*, percebe-se o julgamento principal à mulher, relacionando-a com singularidades de seu corpo, ou seja, novamente a mulher é exposta a partir de seu corpo feminino. Na metáfora MULHER É ARTEFATO E SUAS PROPRIEDADES, Lopes (2005) discorre sobre os tratamentos referidos às mulheres a partir de artefatos e suas propriedades. Novamente é possível notar a mulher sendo julgada a partir de seu corpo. Todas as expressões metafóricas exprimem relação com partes do corpo feminino. Ou seja, o corpo feminino está em constante julgamento, e isso está refletido totalmente nas metáforas utilizadas pela sociedade inscrita na cultura patriarcal, de domínio e controle sobre o corpo das mulheres.

Durante a seção, percebeu-se como as metáforas utilizadas reforçam estereótipos de inferioridade, fragilidade e objetificação das mulheres. Ao longo dos séculos, as mulheres vêm sofrendo com a representação de santidade, comercialização de seus corpos, julgadas como seres irracionais, entre outros, essas estruturas metafóricas refletem as questões de gênero tencionadas na sociedade atual. Na seção metodológica a seguir, apresentamos os procedimentos definidos para seleção das metáforas que analisamos, a fim de compreender melhor como as mulheres são representadas em discursos masculinos veiculados em *podcasts* brasileiros.

## **2 Metodologia**

A presente pesquisa adotou a abordagem de análise documental, que ocorreu estruturada pela seleção de episódios de *podcasts*, com o intuito de analisar metáforas de representação de gênero na sociedade contemporânea, com foco na representação da mulher. Para a seleção desses episódios de análise, consideramos aqueles que tivessem em comum datas de publicação semelhantes e abordassem temáticas concernentes às mulheres, ainda que variadas. Para delimitação desse critério de escolha, adotamos o requisito de o episódio ter sido publicado na primeira semana de março de 2024, a fim de analisar as metáforas empregadas na semana do dia da mulher e contidas em discursos que circularam próximo a essa data.

Conforme já detalhamos, a análise do material selecionado foi realizada partindo dos pressupostos da teoria da metáfora proposta por Lakoff e Johnson (1980), para que seja possível compreender o uso, a base cultural e a visão social desencadeados pelas metáforas cotidianas identificadas (ou desencadeadores delas). No Apêndice 2 são apresentadas as metáforas identificadas e transcritas, com definição da expressão metafórica, dados técnicos, da metáfora/*corpus*, do domínio-fonte e do domínio-alvo empregados, além de uma relação de possíveis inferências metafóricas mobilizadas para cada caso.

Quanto ao gênero de texto que dá suporte às metáforas que serão analisadas, entende-se o *podcast* como um gênero de relevância na cultura digital e que pode ser utilizado como meio de estudo dos usos linguísticos. A escolha por analisar *podcasts* parte das concepções de Uchôa (2010), para ele, a partir de programas de *podcast* é possível observar e explorar os estudos da língua, já que os episódios fornecem a oportunidade de observar os falantes em diferentes contextos de discurso. Dessa forma, o *podcast* é uma ferramenta passível de pesquisa, por ser propícia para a observação de realidades da língua e suas variações. Partindo dos conceitos do autor, o presente trabalho analisará a língua em uso no dia a dia de pessoas da sociedade contemporânea, ainda que em usos mais monitorados. Essa abordagem possibilita compreender os significados da linguagem a partir do uso de metáforas empregadas nos discursos dos *podcasts* selecionados, contribuindo para o estudo em seu contexto social e comunicativo.

Além da importância da contribuição do *podcast* para análises da língua, destaca-se sua relevância também por ser um gênero discursivo. Segundo Bakhtin (2016), gêneros são enunciados, por conta disso, ele define da seguinte maneira:

[...] o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissolivelmente ligados *no conjunto* de enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo de comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Para o autor, além dos gêneros serem enunciados, outra característica é ter um direcionamento a alguém e um endereçamento. Dessa maneira, além de formas de comunicação, os *podcasts* funcionam com uma intenção específica de comunicação, havendo um direcionamento de público. O endereçamento é fundamental para compreender a mensagem que é dita, por quem e para quem e, a partir disso, é possível realizar análises linguísticas por meio do gênero *podcast*.

Para Elekai *et al.* (2019), *podcast* vem das combinações de “iPod” e “broadcast”, no entanto, os *podcasts* podem ser ouvidos não apenas em *iPods*, como também em MP3, computadores e outros tipos de mídias e dispositivos móveis. O que destaca o *podcast* é sua variação de formas de ouvir, há como assinar programas favoritos, inserir comandos para os computadores e celulares alertarem quando episódios são publicados e há, também, em algumas plataformas, como deixar programado para realizar o *download* automaticamente quando episódios são lançados. O *podcast* tornou-se um gênero que vai além de simples gravações, ele possui assinaturas, pessoas que acompanham e uma comunidade que se une a partir de ideias que compartilham em comum.

Comparado com programas da rádio, o *podcast* fornece aos ouvintes diversas formas de conteúdos pela internet, cuja relação temporal é muito mais duradoura, desde conteúdos formais aos informais, notícias, histórias, bate-papo, músicas, entrevistas etc. A partir desse gênero, é possível encontrar uma grande quantidade de informação em diferentes meios (YouTube, Spotify, *sites* diversos etc). A ideia dos produtores dos programas é proporcionar ao público destinatário os conteúdos que eles buscam para conhecimento ou entretenimento, além disso, é necessário se preocuparem apenas com

as regras do comércio eletrônico, não há regras para atenderem mercados publicitários, tão pouco censuras governamentais (Uchôa, 2010).

Segundo Uchôa (2010), o gênero *podcast* oferece uma rica diversidade de conteúdo, facilitada pela ampla circulação desses programas em plataformas de *streaming* acessíveis. Essa variedade inclui desde músicas e entrevistas até informações sobre os mais diversos temas, com formatos que podem ser formais ou informais, dependendo da proposta de cada programa. Além disso, os *podcasts* podem ser apenas em áudio ou incluir elementos audiovisuais, conforme a escolha dos criadores. Muitos programas também trazem convidados para discutir assuntos específicos, alinhando-se ao perfil e à dinâmica escolhidos em cada produção e aproximando-se do gênero *entrevista*.

## **2.1 Caracterização do *corpus* – Programas de *podcasts* selecionados**

Os programas selecionados seguiram os seguintes critérios para análise: estar na lista dos 20 programas mais ouvidos no Brasil (fonte Cast News) e ter como apresentador alguém identificado como do gênero masculino. Programas que discutem sobre notícias ou questões sobre administração e finanças foram excluídos, pois não abordaram temáticas que favoreçam o emprego de metáforas referentes a mulheres. Os programas foram selecionados a partir da lista fornecida pelo *site* Cast News (<https://www.castnews.com.br/maiores-podcasts-do-brasil/>), que mostra quais são os *podcasts* mais ouvidos no Brasil. Esse site atualiza semanalmente quais são os *podcasts* que estão em alta, sendo que a seleção dos programas partiu da análise da lista divulgada no início do mês de junho de 2024 (conferir no Apêndice 1). A seguir, passamos aos critérios de seleção e, em seguida, à apresentação dos cinco programas selecionados.

### **2.1.1 Critérios e método de seleção dos programas**

Ao analisar a lista dos 20 programas mais ouvidos do Brasil, proporcionada pelo *site* CastNews, encontramos os programas a serem analisados para compor a amostra de investigação acerca das metáforas empregadas para representação das mulheres. Após

essa seleção, excluimos os programas que eram apresentados por mulheres e cujas participantes (entrevistadas, comentaristas etc.) eram exclusivamente mulheres; em seguida, analisou-se o conteúdo dos programas, os que discutiam sobre questões de administração, finanças ou de notícias foram excluídos também da lista de análise, pois não discutiam sobre temáticas específicas, que pudessem favorecer o emprego de metáforas de representação das mulheres. A partir dessa seleção, definiram-se os *podcasts* apresentados anteriormente e listados a seguir, de acordo com sua posição entre os mais consumidos pelo público, de acordo com CastNews: Nerd Cast (1º), JesusCopy (5º), BrainCast (15º), Arquivo Mistério (16º) e Mau falado (20º).

### **2.1.2 Programa “Nerd Cast”**

O programa Nerd Cast foi criado em 2006 pelos mesmos criadores do *blog* Jovem Nerd (criado em 2002). Alexandre Ottoni (Jovem Nerd) e Deive Pazos (Azaghal) foram os primeiros a utilizar o formato em um *podcast* para dialogar informalmente sobre assuntos diversos. O programa discute temáticas relacionados à cultura nerd, cultura pop, ciência, jogos, cinema etc. (Machado, 2020). Em 2023, seu episódio mais ouvido alcançou a marca de mais de 2,9 milhões de *downloads* e *plays*. Nerd Cast possui grande número de ouvintes, sua média de visualização e de *downloads* de episódios é de 850 mil, ademais, sua maior faixa etária dos ouvintes é entre 28 e 34 anos (38%) (Jovem Nerd, 2024).

### **2.1.3 Programa “JesusCopy”**

O programa JesusCopy foi criado pelo pastor Douglas Gonçalves em 2015. Seu objetivo é discipular os jovens a partir de seus episódios, com o intuito de disseminar a fé cristã e o evangelho de Jesus de uma forma autodeclarada como simples e inteligente. Seus episódios são variados e contam com a presença de convidados para discutir sobre assuntos relacionados à religião e ao amor de Deus (JesusCopy, 2024). Seus episódios de *podcast* são publicados no YouTube, Spotify, entre outros. Seu canal de YouTube possui mais de dois milhões de inscritos, sua média de visualização de episódios é

variada, seu episódio mais visto no YouTube em 2023 foi publicado no dia 24 de abril e possui 743 mil visualizações (JesusCopy, 2024).

#### **2.1.4 Programa “BrainCast”**

BrainCast é um programa que faz parte da B9, site que abriga diversos podcasts do Brasil com o intuito de comentar sobre diferentes temáticas. O programa BrainCast trabalha com temáticas diversas relacionadas à cultura pop, cinema, inovação, entre outros. O programa foi desenvolvido pelos apresentadores Carlos Merigo, Gustavo (Guga) Mafra, Luiz Yassuda, Alexandre Maron e Luiz Hygino, que apresentam conteúdos relacionados à criatividade, ao entretenimento e à comunicação. Carlos Merigo é o apresentador principal do programa, no entanto, semanalmente são postados episódios com diferentes convidados que discutem os temas propostos pelo apresentador (Silveira; Zonatto; Castelo, 2017). Seus episódios são postados no site B9, YouTube, Spotify, entre outros. Na plataforma YouTube, o programa possui mais de vinte mil inscritos e seu episódio mais assistido de 2023 totalizou 729 mil visualizações, publicado no dia 17 de abril (BrainCast, 2024).

#### **2.1.5 Programa “Arquivo Mistério”**

Fundado e apresentado por Fabio Carvalho, o programa Arquivo Mistério tem o objetivo de dialogar sobre temas relacionados a crimes e mistérios. Além do apresentador, há também uma equipe que trabalha com os efeitos sonoros, interpretando personagens das histórias de crime e mistério, para trazer ao ouvinte uma experiência mais significativa. Além disso, o programa traz em seus episódios sonoplastia diferenciada, com músicas temáticas dependendo do conteúdo trabalhado. Na plataforma YouTube, o programa iniciou no ano de 2020 e hoje conta com 333 mil inscritos, mais de 35 milhões de visualizações e seu episódio mais visualizado em 2023 possui 501 mil visualizações, postado no dia 31 de julho (Arquivo Mistério, 2024).

#### **2.1.6 Programa “Mau Acompanhado”**

Mau Acompanhado é um subprograma do portal Jovem Nerd. Em 2002, os fundadores do portal criaram um *blog* para discutir sobre assuntos relacionados ao mundo nerd, após a explosão de seus conteúdos e a partir de algumas parcerias, o Jovem Nerd ampliou e fundou-se o portal, onde contemplam diferentes tipos de conteúdos. Jovem Nerd atualmente comporta diferentes *podcasts*, mas, inicialmente, havia apenas o *nerdcast*, um dos *podcasts* mais ouvidos no Brasil, produzido e criado pelos mesmos criadores do portal – Alexandre Ottoni e Deive Pazos. Além de seus trabalhos, a plataforma fornece conteúdos do *podcast* Mau Acompanhado, o qual se tornou também um dos *podcasts* mais ouvidos no Brasil, segundo as pesquisas do CastNews. O nome do programa possui como origem o nome do principal apresentador Maurício Faccio (Mau Faccio), além de Mau, o programa conta com os apresentadores Vitor Faglione Rossi e Maria Rodrigué (Mary Joe), que discutem sobre fofocas atuais, competições esportivas, reality shows e mundo dos famosos. Seu episódio mais ouvido em 2023 totalizou mais de 144 mil *downloads* e *plays*, sua maior faixa etária de audiência é das idades de 28 a 34 anos (43%) e sua média de visualizações e *downloads* por episódio é de 100 mil (Jovem Nerd, 2024).

### **2.1.7 Critérios e método de seleção dos episódios analisados**

Após a seleção dos programas, investigou-se quais seriam os episódios a serem analisados. Para essa seleção, foram utilizados os seguintes critérios: ser um episódio publicado próximo à data de 8 de março de 2024, podendo ser datado de até 3 dias antes ou até 3 dias depois. Em seguida, foi analisado se a maioria dos participantes do episódio eram homens, tendo em vista que o objetivo é compreender como pessoas identificadas com o gênero masculino utilizam metáforas em seus discursos ao se reportarem às mulheres. Por último, analisou-se se os episódios em algum momento abordaram temas relacionados às mulheres. Tendo isso em vista, foram selecionados os seguintes episódios para serem analisados (conferir detalhamento no Apêndice 1): “É a Duna realidade” (Nerd Cast, publicado no dia 8, via plataforma do Jovem Nerd), “Carlinhos Senegal e Douglas Gonçalves no Podcast JesusCopy” (JesusCopy, publicado dia 11, via plataforma do YouTube), “BBB: Likes valem mais do que dinheiro?”

(BrainCast, publicado no dia 8, via plataforma do YouTube), “O insano estupro e morte dos irmãos Gibson” (Arquivo Mistério, publicado no dia 11, via plataforma do YouTube) e “Wanessa Camargo expulsa do BBB e a futura ex-esposa de Buda” (Mau Falado, publicado no dia 7, via plataforma do Jovem Nerd).

Após a separação de programas e episódios, seguida da escuta de cada um, realizou-se a análise detalhada das metáforas identificadas nesses *podcasts*. A análise buscou identificar padrões recorrentes e seus significados em relação à representação de gênero. Na próxima seção, apresentaremos as metáforas selecionadas e discorreremos sobre as representações da mulher contidas nas instanciações metafóricas reproduzidas pelos enunciadoreis.

### **3 Análise do corpus**

Como apresentado anteriormente, com base em Lakoff e Johnson (1980), analisaremos a partir desse ponto trechos transcritos dos episódios selecionados (conferir Apêndice 2), que formam o *corpus* do trabalho. Os trechos selecionados contêm metáforas empregadas para referência às mulheres e, a partir deles, será realizada uma investigação interpretativa das instanciações metafóricas e das metáforas conceituais utilizadas pelos participantes dos *podcasts*.

#### **3.1 Mulher é golpista**

Durante o episódio do programa NerdCast, ao discutir sobre o filme “Duna 2”, um dos participantes reproduz a metáfora MULHER É GOLPISTA. A metáfora aparece no seguinte trecho:

Entrevistada: Na hora que Lady Fenring encontra o Feyd-Rautha, e aí ela faz aquele negócio: “ah a linhagem tá segura”; que é, ela segura a barriga, né, porque ela guardou um plano B ali ...

Entrevistado 1: *Meteu o boneco né, meteu o boneco* (NerdCast, 2024, 59:00 min, grifos acrescidos).

Ao pronunciar esse discurso metafórico, o participante assume que a mulher utiliza da gravidez como uma armadilha para assegurar *status* social, nesse sentido, a partir do seu corpo, ela aplica um golpe em benefício próprio. Essa instanciação se

comunica com a frase sexista popular “deu o golpe da barriga”, utilizada pela sociedade ao definir uma mulher como golpista por engravidar, gestar, e que, ao conceber, possui interesse financeiro ou econômico sobre o que o homem possa oferecer.

Segundo Simone de Beauvoir (2016, p. 279), “[...] a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade”. Nesse contexto, a metáfora MULHER É GOLPISTA reforça a ideia de que a mulher utiliza sua capacidade reprodutiva como ferramenta de manipulação para receber algo em troca, desqualificando assim a autonomia de reprodução que a ela é assegurada. Dessa maneira, o enunciador discorre que a mulher utiliza da sua função biológica para tirar proveito financeiro dessa condição, deslegitimando seus desejos e vontades.

### 3.2 Mulher é controladora

A metáfora MULHER É CONTROLADORA, apareceu quatro vezes ao decorrer das análises metafóricas, sendo a mais utilizada. A primeira aparição encontra-se no seguinte trecho:

Entrevistado 2: O efeito da voz é maneiro, mas eu achei muito mais legal quando aquela ...

Entrevistada: Lady Fenring.

Entrevistado 2: Isso, eu entendo que cada um usa a voz do jeito que sabe, que aprendeu né? [...] Achei maneiríssimo dessa mulher, que ela vai falar lá com o cabeça de nós todos [...] mas aí o jeito que *ela usa voz*, eu achei muito legal. *Ela começa falar com ele normal, falando baixinho, meio sussurrante, meio sedutor*, daqui a pouco, onde que eu tô? (NerdCast, 2024, 53:10 min, grifos acrescidos)

A metáfora é encontrada a partir do ponto onde o interlocutor remete-se à mulher assumindo que a forma como ela utiliza a voz indica a intenção de controlar uma determinada situação. O tom de voz feminino é utilizado para manipular o gênero masculino, exercendo domínio e influência na pessoa controlada, como se fosse um ato de hipnose sobre o homem. Assim, o discurso do entrevistado reforça que, na sociedade contemporânea, a voz da mulher pode exercer controle ao homem.

No episódio do programa JesusCopy, o convidado relatou sua trajetória e a de sua família como missionários no Senegal. No decorrer do episódio, ao se referir à mulher que é sua companheira, utiliza a seguinte instanciação metafórica: “Meus filhos tinham oito, creio eu, minha mulher não tá aqui para me *corrigir*, então vou dar *liberdade* de errar” (JesusCopy, 2024, 05:14 min, grifos acrescidos). Nessa frase, é

possível observar a metáfora MULHER É CONTROLADORA, pois compreende-se que a mulher tem o papel de correção sobre o homem, de controle dos fatos e das informações, associando-se ao seu poder o de cerceadora da liberdade de expressão. Dessa forma, ao homem só é permitido errar quando sua esposa não está presente, só assim não ocorre uma correção em sua fala. De mesmo modo, só assim pode exercer a *liberdade* sobre a qual a mulher teria controle se estivesse presente.

Ao assumir que não tem certeza da idade de seus filhos, e que a mulher teria esse conhecimento, o interlocutor coloca a mulher em posição de ser a única responsável pelo lar e pela família. Além de supervisionar o homem, ela também é a única que detém informações parentais. Essa metáfora interage com MULHER É CUIDADORA, que será descrita na próxima seção, pois, a partir dessa representação da mulher, compreende-se que ela é a responsável por todos os cuidados da família. MULHER É CONTROLADORA reforça os estereótipos do papel que a mulher deve exercer dentro da instituição família, sendo ela a referência de cuidado. Essa sobrecarga presente na mulher abrange desde o controle de informações até o cuidado do bem-estar dos membros familiares.

Nesse mesmo contexto de mulher como controladora, o participante, no decorrer do episódio, apresenta a seguinte fala:

Ela chegou para mim e disse: Carlinhos eu quero ir de novo pra Senegal[...] ela disse: eu quero levar os meninos [...] Senegal é um país lindo, muito lindo, mas muito diferente de Recife, então na cabeça da minha mulher ela pensou o que: eles vão rejeitar, eu volto pra casa; eu to contanto essa história com *autorização dela*. (JesusCopy, 2024, 19:37 min, grifos acrescentados).

Ao pronunciar essa afirmação, o participante novamente coloca sua esposa em posição de que MULHER É CONTROLADORA, de forma que ele só pode falar de um determinado assunto sob autorização dela. É a mulher que aprova ou não os assuntos que seu marido pode discutir no decorrer do episódio. Sendo assim, a mulher exerce controle de alguém, nesse caso, do seu esposo. Essa metáfora possui singularidade com a apresentada anteriormente, na qual a mulher aparece como cerceadora de liberdade de expressão, decidindo e aprovando o que deve ser dito pelo homem, pois ela o controla. Esse lugar de controle se estende às interações cotidianas dentro da família, onde ela é a detentora da autoridade ao aprovar ou vetar determinadas falas, assumindo um papel de

supervisionadora dos discursos masculinos.

MULHER É CONTROLADORA aparece também em outra fala com o seguinte pronunciamento: “A Leandra vai ficar feliz comigo quando ouvir esse programa porque eu *to adestradinho; [...] to domadinho*” (Mau Acompanhado, 2024, 01:23:48 min, grifos acrescidos). Após assumir que a mulher o “adestrou” e o “domou”, o locutor coloca a mulher em posição de controladora masculina, posicionando a mulher em um lugar de autoridade sobre o homem. Dessa forma, a figura feminina exerce influência sobre o comportamento masculino, sugerindo uma dinâmica de submissão, na qual suas ações são definidas, controladas e supervisionadas pela mulher. Esses discursos alimentam as narrativas sociais de que a mulher deve mudar e moldar os comportamentos masculinos, sendo sua obrigação controlar os comportamentos do seu cônjuge, e caso o homem faça alguma coisa errada, a responsabilidade de culpa cai sobre a mulher, visto que ela não o controlou direito. Esse discurso metafórico coloca a mulher em uma posição semelhante à de uma educadora, como se o marido fosse uma espécie de filho da mulher, cuja função é moldar, orientar e supervisionar seu marido, sempre seguindo a essência do cuidado.

### 3.3 Mulher é cuidadora

O serviço que a sociedade impõe à mulher casada é o de cuidar do marido, do lar e dos filhos, enquanto o homem se encarrega de serviços braçais e financeiros. Essa relação de servidão se perpetua década após década na sociedade, a relação de cuidado é determinada à mulher, enquanto ao homem, serviços que demandam força (Beauvoir, 2016). Em confirmação à afirmação de Beauvoir, encontra-se a afirmativa do participante em relação à mulher como cuidadora da casa, no episódio em que se pronunciou o seguinte discurso:

Eu viajava e passava semana lá, minha mulher ficava na capital da [ininteligível] *pra cuidar das crianças* e ela fazia essa parte de office né, tradução e tal, ela é poliglota, escreve muito bem, e aí ela fazia essa parte de comunicação da nossa missão e eu fazia a parte do campo. Ela fez uma pós em antropologia, então *ela era a cabeça do negócio* e eu era o cara do campo (JesusCopy, 2024, 31:47 min, grifos acrescidos).

Nesse trecho, o participante reforça os estereótipos que são encontrados na nossa sociedade desde os tempos passados, pelos quais a mulher é vista no lugar de cuidador e o homem em serviços de campo, assim como pontua Beauvoir.

Dessa forma, em seu discurso, ele assume a metáfora MULHER É CUIDADORA, pois é ela quem detém os cuidados principais dos filhos do casal e da casa. Além de descrever a mulher como cuidadora em tempo integral, ela também possui atividades profissionais e intelectuais, sendo a “cabeça do negócio”, poliglota, trabalha no *office*, cuida da comunicação, escreve etc. Enquanto o homem é apenas o *cara do campo*, a mulher possui um acúmulo de jornadas, fazendo referência ao mito da mulher-polvo, aquela que possui a habilidade natural de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, como observado na imagem abaixo:



**Figura 1: Mulher polvo**  
Fonte: Esquerda online, 2016.

O interlocutor emprega um discurso que representa a mulher como a presente no mito da mulher-polvo, destacando sua habilidade natural de realizar muitas tarefas ao mesmo tempo, como se possuísse muitos braços para dar conta de tudo (assim como o polvo possui). Esse tipo de perspectiva e de representação das mulheres, além de reforçar estereótipos, naturaliza o acúmulo de jornadas e a sobrecarga de trabalho que recai sobre elas.

No decorrer do episódio, novamente o participante utiliza de metáforas para se referir à mulher, em outro caso, ele comenta o seguinte fato:

Então eu aprendi uma coisa, se você liga pra mim; quando Nati falou: você vem aqui, você pode vir no JesusCopy. Eu disse: vou falar aqui rapidinho com a minha mulher. Aí eu falo com a minha mulher, porque eu sei que *quando entra na cabeça dela, ela vai diminuir a velocidade, vai processar [...], ela vai trazer isso pra mim com muito mais clareza.* (JesusCopy, 2024, 34:18 min, grifos acrescidos).

Nesse recorte, é possível observar mais uma vez a metáfora MULHER É CUIDADORA, pois é ela quem assume o papel de cuidar e orientar o homem em seus deveres do dia a dia, ou seja: ela o auxilia com sua rotina e afazeres, desacelera informações cruciais e leva o conteúdo até ele de uma forma mais compreensível. Em outras palavras, estamos diante de um trabalho de servir que uma cuidadora possui. Ao reconhecer a capacidade feminina de “diminuir a velocidade” e “levar com mais clareza”, o homem a torna não apenas facilitadora, mas também a coloca em um espaço de apoio emocional, reforçando a imagem tradicional da mulher como possuindo obrigações naturais de cuidar do marido.

Beauvoir (2016), ao discorrer sobre as perspectivas históricas da mulher casada, descreve as funções femininas da seguinte maneira:

Assim, o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrado a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção da ação: isto significa que, longe de libertar a matrona, esse trabalho a coloca na decência do marido e dos filhos; é através deles que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação essencial (Beauvoir, 2016, p. 235).

Segundo a autora, a posição da mulher na estrutura familiar é a de cuidado aos filhos, marido e casa. Esse trabalho não é voluntário, mas sim internalizado como função feminina constituído no decorrer da história. Na vida do marido, ela é considerada uma mediação essencial, ou seja, ela executa funções de cuidado do seu cônjuge, isso é um de seus deveres como mulher e como esposa. Essa definição da autora dialoga com a metáfora de MULHER É CUIDADORA: ao gênero feminino foi instituído que é seu dever cuidar do homem e de suas necessidades, por não ser autônomo, essa função é tida como parte de um instinto, o natural do ser mulher.

### 3.4 Mulher é frágil

O episódio selecionado do programa BrainCast dialoga sobre uma *influencer* que participou do *reality show* brasileiro Big Brother Brasil 2024 (BBB). No BBB, a participante desistiu do programa por sofrer de graves problemas de saúde mental. Ao discorrer sobre essa participação, o entrevistador faz o seguinte comentário: “[...] porque tinha aquela mina lá que a gente até já comentou que saiu fora né, que tava com *probleminha*<sup>9</sup>. (BrainCast, 2024, 07:50 min, grifos acrescidos)”. Nesse exemplo, o apresentador representa a mulher com a metáfora MULHER É FRÁGIL, o termo em diminutivo “probleminha” mostra o desprezo e indiferença em relação à saúde mental da mulher, caracterizando um problema, que não afeta apenas mulheres, como algo pequeno, que apenas uma pessoa frágil teria ou que levaria à desistência do BBB apenas em caso de pessoas delicadas, sensíveis, fracas.

A autora Federici (2017) discorre, em sua obra *Calibã e a bruxa*, sobre a relação entre capitalismo, patriarcado e opressão das mulheres no decorrer da história. Em uma de suas discussões, ela pontua a representação da mulher na sociedade segundo uma visão sexista, da seguinte maneira:

[...] foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens — excessivamente emocionais e luxuriosas, incapazes de se governar — e tinham que ser colocadas sob o controle masculino. [...] As mulheres eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras (Federici, 2017, p. 201 - 202)

Por serem emotivas e irracionais, segundo a visão masculina, as mulheres enfrentam frequentemente suas ações sendo deslegitimadas, especialmente em contextos que exigem força emocional. Por serem consideradas “excessivamente emocionais”, as mulheres são julgadas ao enfrentar desafios reais, principalmente em relação a situações de vulnerabilidade emocional. No caso descrito acima, o problema de saúde mental da mulher foi colocado em posição de fragilidade feminina, reforçando a ideia de que MULHER É FRÁGIL, refletindo a estrutura patriarcal da sociedade a

---

<sup>9</sup> Quanto ao termo “probleminha”, além da metáfora empregada, seu uso no diminutivo carrega uma forte carga pejorativa no que tange à saúde mental. Nesse caso, os problemas de saúde mental são vistos como “frescura”, embasando sua enunciação em preconceitos referentes a doenças psíquicas.

qual retrata a mulher como um ser irracional e emocionalmente instável, assim como Federici descreve.

### 3.5 Mulher é louca

A caça às bruxas no século passado marcou a história feminina, os ideais que fugiam do padrão social, principalmente ligados à submissão, eram vistos como perigosos à ordem natural do homem como superior. A perseguição contra as mulheres criou um modelo ideal do feminino na “mulher e esposa ideal — passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas” (Federici, 2017, p. 187). Na época da caça às bruxas, as mulheres que não entravam no padrão social eram tidas como perigosas e, conseqüentemente, sofriam diversos tipos de atrocidades. No decorrer da história, a mulher ainda é definida como passiva e obediente, foi criado um padrão feminino que se perpetuou na sociedade, tudo que foge desse padrão é criticado e apontado socialmente. Nesse viés, no decorrer de um episódio de *podcast*, encontrou-se a seguinte instanciação metafórica:

Entrevistador 1: Essa edição em especial, a gente não consegue encaixar nesses [ininteligível].

Entrevistador 2: E todo mundo tem defeito.

Entrevistador 3: Não tem essa menina *louca* que [gestos] (BrainCast, 2024, 07:50 min, grifos acrescidos).

É possível localizar nesse trecho a metáfora MULHER É LOUCA, pois é assumida a personalidade feminina única como um defeito, esse defeito é intitulado de loucura. A mulher é considerada histérica, instável e exagerada, isso a coloca em posição de julgamento, tida como louca. Esse termo foi selecionado pelo entrevistador para deslegitimar a autenticidade das experiências e decisões da mulher, sua personalidade própria, por fugir do padrão idealizado, foi desqualificada por essa caracterização.

Nesse mesmo contexto, encontrou-se novamente a metáfora MULHER É LOUCA, presente no seguinte fragmento: “Entrevistador: E assim, vale lembrar quanto tempo a gente tá falando aqui da perseguição da Wanessa e da Yasmin ao Davi, né, acho que, a Wanessa dizendo que não ia mais comer a comida que ele faz, *todo aquele drama*

que a Wanessa fez” (BrainCast, 2024, 21:24 min, grifos acrescidos). Dessa maneira, a mulher é representada como histérica, dramática e exagerada, tornando-a instável emocionalmente. Dialogando com os mesmos preceitos do trecho citado anteriormente, a mulher que fugiu do padrão que foi esperado dela, e por agir por sua própria vontade, foi rotulada como instável e louca.

### 3.6 Mulher é personagem

Durante a análise das falas dos participantes, identificou-se a metáfora que caracteriza a mulher como um “personagem”. Essa metáfora surgiu no episódio do BrainCast, que discutia o programa de televisão *Big Brother Brasil*, dessa maneira, é importante destacar que é comum a naturalização do tratamento dos participantes do *reality show* com termos associados a personagens de entretenimento. A primeira manifestação dessa metáfora foi observada na seguinte citação:

Ela fez teatro na Célia Helena, aí a galera começou: pô é boy, boy. Não mas ela tinha uma bolsa, fazia no sábado, pai levava ela lá [...], ela fazia ensaios como modelo, e ela criou esse personagem que depois a gente fica na dúvida, o quanto é personagem e o quanto é ela, porque realmente ela tem um carisma muito específico (BrainCast, 2024, 27:43 min, grifos acrescidos).

Esse fragmento evidencia como a mulher, ao ser descrita em termos de um “personagem”, é desumanizada e reduzida a um papel de entretenimento que deve atender às expectativas de outras pessoas. Por ter uma personalidade própria, a mulher é vista como uma personagem de quem o espectador não sabe reconhecer o real e o performático. Além disso, essa caracterização da mulher implica que sua individualidade não é importante, e que ela deve estar presente para servir aos interesses e enredos de outros.

Nesse mesmo contexto de expectativa de personalidade que se espera da mulher, encontrou-se novamente a metáfora MULHER É PERSONAGEM no seguinte recorte:

[...] a Alanis que é uma das que faz a meiga, e ela fala com uma vozinha, e você vai se irritando [...] só que aí quando ela explodiu uma vez a galera começou a falar que ela tinha voz do Derrick Green do Sepultura [...] tiraram ela do personagem completamente (BrainCast, 2024, 40:30 min, grifos acrescidos).

O fragmento selecionado, além de colocar a mulher na posição de integrante de

um enredo, também apresenta o padrão do que é aceitado da mulher: um ser passivo e meigo. Essa perspectiva que se espera da mulher se relaciona com o que Federici (2017) apresenta sobre o que era esperado de uma mulher, ser passiva, assexuada, obediente, moral e a valorização de sua irracionalidade, ou seja, tudo que foge da feminilidade não pode ser considerado como normal. A pessoa que é referida no trecho é meiga, tem uma voz calma, mas, por ter tido um momento de irritabilidade, foi tida como uma personagem. A necessidade de se encaixar em um papel que represente a feminilidade "ideal" revela a fragilidade da identidade da mulher, que muitas vezes é reduzida a um estereótipo, ao invés de ser reconhecida como um ser humano complexo. Esse fenômeno é evidenciado na maneira como a explosão emocional relatada, um comportamento possível para qualquer pessoa, é interpretada como uma "saída do personagem" por parte da mulher, ou seja, isso é o que verdadeiramente é uma mulher.

Essa metáfora aparece pela terceira vez em outro episódio, quando registra-se a fala: “[...] *A Pitel protagonizou uma grande semana e um grande paredão*, cara, e além de ter contribuído indiretamente pro fim do casamento do calabreso, ou seja, *Pitel tá em todas as narrativas*” (Mau Acompanhado, 2024, 01:24:57 min, grifos acrescidos). Nesse trecho selecionado, ocorre a caracterização da mulher como uma personagem, a qual possui função de servir enredos e interesses dos espectadores. Sua visibilidade no *reality show* faz com que ela perca sua personalidade. Após ser colocada em uma posição de servir um enredo, perde sua individualidade, sendo muitas vezes vista como um recurso narrativo que impulsiona as dinâmicas do programa.

### **3.7 Mulher é culpada**

Durante um episódio de *podcast* do Arquivo mistério, que relatava sobre um caso que ocorreu nos Estados Unidos de estupro e morte contra uma mulher, encontrou-se a metáfora MULHER É CULPADA, presente no seguinte trecho: “Apesar dos três agressores terem sido punidos, o que a Amber fez *para merecer tamanha crueldade?*” (Arquivo mistério, 2024, 18:50 min, grifos acrescidos). Nesse fragmento, é possível observar que a culpabilidade da violência ocorrida é transferida para a vítima, quando o enunciador utiliza o termo “merecer”. É comum, na sociedade, quando uma mulher sofre violência, serem ouvidas frases como: “Mas que roupa ela estava usando?”

ou “O que ela estava fazendo sozinha à noite?”, que normalmente são usadas para tirar o foco do agressor e culpabilizar a vítima pela violência sofrida. Essa transferência de responsabilidade é uma prática que perpetua a cultura de culpabilização da vítima, desviando a atenção dos comportamentos abusivos dos agressores. Essa dinâmica é frequentemente observada em discursos que visam justificar a violência de gênero, nos quais se sugere que a mulher, de alguma forma, provocou a agressão.

### 3.8 Mulher é objeto

O episódio selecionado do programa *Mau Acompanhado* inicia as discussões com metáforas de representação da mulher. Ao abrir as falas, o entrevistador comenta:

Entrevistador 1: E hoje espero terminar esse programa ainda comprometido. Espero não *perder* a cômjuge [...]  
Entrevistadora: Mas por que você *perderia*?  
Entrevistador 1: Ah não sei, às vezes ela vai entender aí de um jeito errado, as vezes faço um elogio para você Mary Joe, falo que você está *me abalando* (*Mau Acompanhado*, 2024, 00:24 seg, grifos acrescidos).

O enunciador, ao se referir à cômjuge como algo que pode ser perdido, refere-se a ela por meio da metáfora MULHER É OBJETO, tratando-a assim como algo que pode ser possuído por alguém. Dessa maneira, a mulher é posse, podendo ser trocada ou vendida, associando-se à uma propriedade de alguém. Nesse exemplo, a mulher perde sua autonomia, posicionando-a como uma mercadoria, uma entidade que pode ser controlada, negociada ou descartada. Ela é colocada em uma posição de coisificação, sendo considerada um simples objeto.

No decorrer do episódio, novamente aparece a metáfora MULHER É OBJETO, o enunciador utiliza a seguinte expressão metafórica:

Eu acho que o maior desafeto dele era a Wanessa, e assim, ela saiu, ele conseguiu novos desafetos, por exemplo, a Lady não era desafeto dele, tudo bem, *o que que a Lady representa para esse Big Brother? Quase nada né* (*Mau Acompanhado*, 2024, 01:03:37 min, grifos acrescidos).

Nesse caso, a mulher é representada como algo de pouco valor ou relevância dentro do cenário do programa *reality show*. A participante é descrita como alguém que “representa quase nada”, reforçando a ideia de coisificação da mulher, o que a torna

descartável e passível de ser ignorada. Ao se referir dessa maneira ao gênero feminino, o interlocutor subestima a individualidade da mulher, por não possuir importância, ela pode ser colocada em segundo plano.

Beauvoir (2016, p. 80), ao discutir sobre a mulher ser considerada o segundo sexo, apresenta a significação da mulher como o *Outro*: “Ser mulher seria ser o objeto, o *Outro*, e o *Outro* permanece sujeito no sei de sua missão”. A autora discorre e critica a posição de objeto que é designada à mulher, colocada em condição de inferioridade. Nesse contexto apresentado pela autora e nos discursos acima, mostra-se que a mulher é vista na sociedade como um objeto definido a partir de sua relação com o homem, o que a coloca em uma condição de inferioridade e subordinação.

### **3.9 Mulher é força da natureza**

No decorrer do episódio selecionado do programa *Mau Acompanhado*, encontrou-se a metáfora: MULHER É FORÇA DA NATUREZA, pela qual a mulher é representada em uma posição de agente abaladora, ainda que sem intencionalidade:

Entrevistador 1: E hoje espero terminar esse programa ainda comprometido.  
Espero não *perder* a cōnjuge [...]  
Entrevistadora: Mas por que você *perderia*?  
Entrevistador 1: Ah não sei, às vezes ela vai entender aí de um jeito errado, as vezes faço um elogio para você Mary Joe, falo que você está *me abalando* (*Mau Acompanhado*, 2024, 00:24 seg, grifos acrescidos).

A metáfora presente na fala do entrevistador ocorre quando ele diz para a entrevistadora “você está me abalando”, isso remete à representação da mulher como uma força da natureza que, mesmo sem querer, abala suas estruturas, a exemplo de ações como chuva ou neve, que ocorrem sem a intencionalidade de alguém. Nesse sentido, a mulher causa danos e gera impacto emocional, mesmo não tendo a intenção.

Essa metáfora confere à mulher um poder sobre o homem e, ao mesmo tempo, a desumaniza, ao retirar sua intencionalidade, como se ela não tivesse controle algum sobre os efeitos que suas ações podem desencadear, tal qual forças da natureza. Essa expressão metafórica ecoa os ideais patriarcais presentes na sociedade que julgam a mulher como imprevisível. Dessa maneira, essa visão reduz a complexidade da

experiência feminina, de forma que a mulher é frequentemente vista como “o Outro”, uma entidade entendida a partir da visão do homem (Beauvoir, 2016).

Assim, as análises realizadas ao longo desta seção evidenciam como os discursos metafóricos presentes nos episódios selecionados reforçam estereótipos de gênero presentes na nossa cultura. As metáforas encontradas apontam representações que limitam a autonomia da mulher, destacando a importância de refletir sobre os impactos que essas representações possuem na construção da identidade feminina. A partir dessas análises, na conclusão, apontaremos como essas representações metafóricas contribuem para a manutenção de narrativas desiguais presentes na sociedade atual.

#### **4 Considerações finais**

Os resultados obtidos nessa pesquisa permitiram compreender as diversas possibilidades interpretativas em relação às escolhas metafóricas pelos participantes ao se referirem às mulheres. A partir das análises apresentadas, foi possível identificar e mensurar de que forma a mulher é representada nos discursos investigados, a partir das metáforas analisadas. São utilizados recortes para sustentar uma visão sexista que reverbera no imaginário masculino sobre a mulher, o qual já perdura há séculos, sobre a forma com que se deve constituir o ser mulher. Essas escolhas de representação reforçam as expectativas tradicionais que limitam a identidade feminina, impactando nas percepções sociais de gênero na nossa cultura.

Ao analisar contrastivamente as metáforas encontradas, foi possível notar que algumas metáforas apareceram com mais regularidade e outras apareceram apenas uma vez no corpus estudado. Ainda assim foram importantes para a análise de representação da mulher: por não serem frequentes no *corpus* analisado, não significa que essas metáforas sejam pouco utilizadas nos discursos em geral. O domínio-fonte *golpista* representa a visão popular de que a mulher usa o corpo para conseguir algo em troca que lhe interessa, assemelha-se com o ditado popular “deu o golpe da barriga”. O domínio de culpa também diz respeito ao modo como se concebe socialmente o corpo feminino. A culpabilidade é imputada a elas por estarem presentes, com a “roupa errada” e “no lugar errado”. A visão da mulher como força da natureza também dialoga com a questão do corpo feminino, os efeitos que ele pode desencadear mesmo sem sua

intencionalidade (mulher como perdição, tentação, como causa de problemas). E, por fim, o domínio-fonte da fragilidade reforça a visão da mulher como uma figura delicada, vulnerável, fraca em momentos que depende de força emocional - posição que dá lugar ao imaginário social de *sexo frágil*.

Já outras metáforas foram encontradas com regularidade, como a que define o domínio-fonte em relação ao controle e que representa a mulher como cerceadora, dominadora e manipuladora do sexo masculino. Além de a mulher ser definida como controladora, a representação da mulher como cuidadora surgiu em diversos discursos, reforçando o estereótipo de gênero segundo o qual a mulher é colocada em um espaço de cuidado. O domínio-fonte *louca*, também surgiu mais de uma vez no decorrer dos episódios. Esse domínio foi destacado pela representação de uma mulher que é histérica, exagerada, suas decisões são julgadas irracionais. *Personagem* como domínio-fonte foi identificado três vezes em discursos masculinos para retratar uma mulher. Em relação ao corpo, o domínio-fonte *objeto* destacou-se nos discursos, a mulher como algo de pouco valor ou suscetível ao pertencimento de alguém.

A partir das instanciações metafóricas encontradas durante a análise do *corpus*, foi possível identificar como a representação da mulher nas metáforas apresentadas dialoga diretamente com a relação entre cultura e construção social de gênero. As metáforas reproduzidas refletem o imaginário social enraizado e historicamente construído, reforçando as desigualdades de gênero. A cultura, enquanto elemento estruturante das interações humanas, influencia diretamente nas percepções em relação ao sexo feminino refletidas nas metáforas utilizadas, consolidando narrativas de subordinação, fragilidade, culpabilidade, entre outras, impactando direta e negativamente na forma como a mulher é concebida na sociedade.

Por fim, o *corpus* selecionado permitiu evidenciar os impactos sociais significativos que as metáforas de representação de gênero possuem em relação à construção da identidade feminina ou em relação à externalização de uma identidade construída. As metáforas encontradas nos discursos masculinos presentes nos episódios selecionados de *podcasts* reforçam as percepções estereotipadas e sexistas em relação à mulher. Acreditamos que a frequência de várias das metáforas encontradas mostra que

essa visão masculina sobre a mulher pode impactar negativamente nas percepções da mulher na sociedade contemporânea.

## Referências

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; DOS SANTOS, Elisângela Santana; SANTANA, Neila Maria Oliveira. Demônias, santas, objetos e algo mais: apontamentos sobre metáforas para mulheres em cartas da inquisição do século XVIII. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, abr. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/58261>. Acesso em: 24 mar. 2024.

Arquivo Mistério. **Ele estup\*\*\* a própria IRMÃ de 16 anos | Amber Gibson**. YouTube, 08 mar 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aKBx-tlFaHw>>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Volume 1, tradução Sérgio Milliet. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Volume 2, tradução Sérgio Milliet. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BrainCast. **BBB: Likes valem mais do que dinheiro?**. YouTube, 08 mar 2024. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=TDi0rCEIrdk&list=PLTQfxLkE9O6wjfZT0xG9VB SfeNUwSBN\\_5&index=16](https://www.youtube.com/watch?v=TDi0rCEIrdk&list=PLTQfxLkE9O6wjfZT0xG9VB SfeNUwSBN_5&index=16)>. Acesso em: 13 jun. 2024.

Canal Arquivo mistério. **Arquivo Mistério**. YouTube, <<https://www.youtube.com/@arquivomisterio/videos>>. Acesso em: 13 jun. 2024.

Canal BrainCast. **BrainCast**. YouTube, <[https://www.youtube.com/watch?v=TDi0rCEIrdk&list=PLTQfxLkE9O6wjfZT0xG9VBSfeNUwSBN\\_5&index=17](https://www.youtube.com/watch?v=TDi0rCEIrdk&list=PLTQfxLkE9O6wjfZT0xG9VBSfeNUwSBN_5&index=17)>. Acesso em: 13 jun. 2024.

Canal JesusCopy. **JesusCopy**. YouTube, <<https://www.youtube.com/watch?v=SzsL15gEshk&t=4s>>. Acesso em: 13 jun. 2024.

ELEKAEI, Atefeh; TABRIZI, Hossein H.; CHALAK, Azizeh. (2019). Distance Education and Vocabulary Podcasting Tasks: Attitude in Focus. **Turkish Online Journal of Distance Education**, 20(2), 105-120. 2019. <https://doi.org/10.17718/tojde.557852>.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERREIRA, Ana Paula *et al.* Entre estrogênios e testosteronas: metáforas conceptuais das representações de gênero em crônicas contemporâneas. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, jan. 2019. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/about>. Acesso em: 24 mar. 2024.

FORÃO, Michelle Dias; SARTORI, Bruna. **Retirada de direitos proposta por Temer afetará mais as mulheres**. Esquerda Online. ABC São Paulo, set. 2016. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2016/09/19/retirada-de-direitos-proposta-por-temer-afetar-a-mais-as-mulheres/>. Acesso em: 11 out. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JesusCopy. **CARLINHOS SENEGAL E DOUGLAS GONÇALVES NO PODCAST JESUSCOPY**. YouTube, 11 mar 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SzsL15gEshk&t=2058s>. Acesso em: 13 jun. 2024.

JesusCopy. 2024. Disponível em: <https://www.jesuscoppy.com/agenda/preletores.html#:~:text=Thiago%20Marques,%C3%A9%20parte%20da%20equipe%20Jesuscopy>. Acesso em: 13 jun. 2024.

Jovem Nerd. 2024. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/institucional/anuncie>. Acesso em: 13 jun. 2024.

Jovem Nerd. **Wanessa Camargo expulsa do BBB e a futura ex-esposa de Buda**. 07 mar 2024. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/podcasts/mau-falado/wanessa-camargo-expulsa-do-bbb-e-a-futura-ex-esposa-de-buda> >. Acesso em: 13 jun. 2024.

Jovem Nerd. **É a Duna realidade**. 08 mar 2024. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/podcasts/nerdcast/e-a-duna-realidade> >. Acesso em: 13 jun. 2024.

KOVECSES, Zoltan. Levels of metaphor. **Cognitive Linguistics**, Berlin. 2017.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. **The contemporary theory of metaphor**. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and Thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LOPES, Márcia dos Santos. **Metáforas sobre a mulher: Uma visão linguística e conceptual**. 2005. Tese (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MACHADO, Alison Patrick Oliveira. **O podcast produto como: um modelo para produção de podcasts a partir da análise do Nerdcast em relação ao Não Ouvo e Mamilos**. 2020.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **Linguagem e cognição na interpretação de metáforas**. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v., n. 1, p. 153-161, 2001.

SILVA, Augusto Soares da. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/323118419\\_O\\_poder\\_cognitivo\\_da\\_metafora\\_e\\_da\\_metonimia](https://www.researchgate.net/publication/323118419_O_poder_cognitivo_da_metafora_e_da_metonimia). Acesso em: 24 mar. 2024.

SILVEIRA, Ana Paula; ZONATTO, Vivian; CASTELO, Hilton. **A Cultura dos Spoilers em Podcast: Estudo de Caso dos Podcasts Braincast, Canal 42 e Rapadura Cast**. 2017.

UCHÔA, José Mauro Souza. **O gênero podcast educacional: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional**. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2010.

WANZELER, S. C. S.. A PANDEMIA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: novo contexto, velhas causas. In: V Seminário Internacional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família, 2021, Porto Alegre - RS. **Anais do V Seminário Internacional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família**. Porto Alegre - RS: EDIPUCRS, 2021. v. 1. p. 1-11.

**Resumen:** La presente investigación analiza secuencias discursivas con metáforas de representación de la mujer producidas en episodios de podcasts a partir de visiones externalizadas en discursos masculinos. La selección de los episodios investigados partió del análisis de la lista de los *podcasts* más reproducidos en Brasil en el año 2024. Tras la selección, se identificaron, clasificaron y analizaron las metáforas de representación de la mujer utilizadas en los episodios por los participantes, entrevistadores y entrevistados, con el fin de investigar cómo se están representando a las mujeres en los discursos y cómo esto contribuye a la construcción de una visión social sobre el género femenino. Esta investigación, relacionada con discursos mediáticos y representaciones de género en la sociedad actual, tuvo como base teórica principal la Teoría de la Metáfora Conceptual (TMC), desarrollada por Lakoff y Johnson (1980), considerando la importancia de la metáfora en la construcción del pensamiento social. En términos metodológicos, la investigación presenta un enfoque cualitativo, con el objetivo de identificar las posibilidades interpretativas de las metáforas utilizadas en los episodios analizados. Los resultados señalan que se movilizan las metáforas MUJER ES ESTAFADORA, MUJER ES CONTROLADORA,

MUJER ES CUIDADORA, MUJER ES FRÁGIL, MUJER ES LOCA, MUJER ES PERSONAJE, MUJER ES CULPABLE, MUJER ES OBJETO y MUJER ES FUERZA DE LA NATURALEZA, las cuales corroboran la visión sexista presente en la sociedad, reflejando una construcción social patriarcal cuanto al género.

**Palabras clave:** Metáfora conceptual; metáforas sobre la mujer; representaciones de género.

## APÊNDICE 1

Legenda:

Cor que marca condição de inclusão	Cor que marca condição de exclusão
------------------------------------	------------------------------------

Classificação	Programa	Data de publicação do episódio	Temática abordada	Participantes (gênero)	Tempo de duração
1°	NerdCast	08/03/2024	Discussão sobre cinema	- 1 sexo feminino - 5 sexo masculino	2h22min
2°	Rádio Novelo Apresenta	09/03/2024	Discussão sobre obra de arte	- 2 sexo feminino - 1 sexo masculino	1h08min
3°	Café com ADM	11/03/2024	Como investir dinheiro	- 2 sexo masculino	39min
4°	Caso Bizarro	11/03/2024	Alienígena sequestrador	- 2 sexo feminino	1h01min
5°	Não inviabilize apresenta: Histórias de Firma	Não há episódios em março			
6°	JesusCopy	11/03/2024	Conversa sobre relatos pessoais	- 2 sexo masculino	1h23min
7°	Autoconscient e Podcast	Não há episódios na semana de 8 de março			
8°	Má Influência	Não há episódios em março			
9°	Desculpa Alguma Coisa	06/03/2024	Conversa sobre ex abusivo	- 2 sexo feminino	1h03min
10°	UOL Prime	07/03/2024	Notícias sobre obras em São Paulo	- 2 sexo masculino	43min
11°	Mamilos	06/03/2024	Conversa sobre cinema	- 1 sexo feminino - 1 sexo masculino	26min
12°	Listening Time: English Practice	Não tive acesso			
13°	Posse de Bola	08/03/2024	Discussão sobre ocorridos no futebol masculino	- 5 sexo masculino	1h02min

14°	Vortex	06/03/2024	Conversa sobre filme	- 1 sexo feminino - 1 sexo masculino	56min
15°	Braincast	08/03/2024	Discussão sobre fofocas do BBB 2024	- 1 sexo feminino - 3 sexo masculino	1h33min
16°	Arquivo Mistério	11/03/2024	Relato sobre notícia de estupro e morte	- 1 sexo masculino	19min
17°	História Preta	Não há episódios na semana de 8 de março			
18°	Dois Empregos	08/03/2024	Relato pessoal sobre crescimento profissional	- 3 sexo masculino	48min
19°	Jujubacast	Não há episódios na semana de 8 de março			
20°	Mau Acompanhado	07/03/2024	Discussões sobre BBB 2024	- 1 sexo feminino - 2 sexo masculino	1h34min

APÊNDICE 2

Expressão Metafórica	Dados técnicos	Metáfora /Corpus	Domínio-Fonte	Domínio-alvo	Inferências metafóricas
Entrevistada: Na hora que Lady Fenring encontra o Feyd-Rautha, e aí ela faz aquele negócio: “ah a linhagem tá segura”; que é, ela segura a barriga, né, porque ela guardou um plano B ali ... Entrevistado 1: <i>Meteu o boneco né, meteu o boneco.</i>	Tempo de início: 00:59:00 Tempo final: 00:59:10 Interlocutor: entrevistado 1 Fonte: NerdCast, 2024.	MULHER É GOLPISTA	Golpista/golpe	Mulher	A gravidez foi uma armadilha, uma estratégia para assegurar <i>status</i> social aos seus descendentes. Essa perspectiva interpretativa também é assumida em expressões sexistas como “deu o golpe da barriga”.
Entrevistado 2: O efeito da voz é maneiro, mas eu achei muito mais legal quando aquela ... Entrevistada: Lady Fenring. Entrevistado 2: Isso, eu entendo que cada um usa a voz do jeito que sabe, que aprendeu né? [...] Achei maneiríssimo dessa mulher, que ela vai falar lá com o cabeça de nós todos [...] mas aí o jeito que ela usa voz, eu achei muito legal. <i>Ela começa falar com ele normal, falando baixinho, meio sussurrante, meio sedutor</i> , daqui a pouco, onde que eu tô?	Tempo de início: 00:53:36 Tempo final: 00:54:23 Interlocutor: entrevistado 2 Fonte: NerdCast, 2024.	MULHER É CONTROLADORA	Controladora	Mulher	Mulher usa a voz para ter o controle de uma situação e de uma pessoa. Uso deliberado da voz para exercer domínio e influência, como se fosse um ato de hipnose. O tom de voz feminino é utilizado para manipulação masculina.
Meus filhos tinham oito, creio eu, minha mulher não tá aqui	Tempo de início: 00:05:14	MULHER É CONTROLADORA	Controladora	Mulher	A mulher como cerceadora da liberdade de expressão. Aquela

para me <i>corrigir</i> , então vou me dar <i>liberdade</i> de errar.	Tempo final: 00:05:19 Interlocutor: entrevistado Fonte: JesusCopy, 2024.				que controla a verdade sobre as informações relatadas e que valida, corrige, retifica as informações que dizem respeito aos filhos. Mulher como única responsável pelo lar, pela família, o que implica uma supervisão constante sobre o homem e seus comentários e também ser a detentora exclusiva das informações parentais (interação com a metáfora MULHER É CUIDADORA).
Ela chegou para mim e disse: Carlinhos eu quero ir de novo pra Senegal[...] ela disse: eu quero levar os meninos [...] Senegal é um país lindo, muito lindo, mas muito diferente de Recife, então na cabeça da minha mulher ela pensou o que: eles vão rejeitar, eu volto pra casa; eu to contanto essa história com <i>autorização dela</i> .	Tempo de início: 00:19:37 Tempo final: 00:20:53 Interlocutor: entrevistado Fonte: JesusCopy, 2024.	MULHER É CONTROLADORA	Controladora	Mulher	É a mulher que aprova e decide o que o homem pode ou não falar. A mulher exerce controle sobre o homem e tira sua liberdade de expressão (singularidade com a metáfora acima).
Eu viajava e passava semana lá, minha mulher ficava na capital da [ininteligível] <i>pra cuidar das crianças</i> e ela fazia essa parte de office né, tradução e tal, ela é poliglota, escreve muito bem, e aí ela fazia essa parte de comunicação da nossa missão e eu fazia a parte do campo. Ela fez uma pós em antropologia, <i>então ela era a cabeça do</i>	Tempo de início: 00:31:47 Tempo final: 00:32:10 Interlocutor: entrevistado Fonte: JesusCopy, 2024.	MULHER É CUIDADORA	Cuidadora	Mulher	O acúmulo de jornadas como característica feminina, referência ao mito da mulher polvo: aquela que possui habilidade de realizar muitas tarefas, como se tivesse muitos braços (assim como o polvo). O responsável central do cuidado da família é da mulher, sendo a responsável exclusiva do lar e dos filhos. Nesse exemplo de metáfora, a mulher é passível

<i>negócio e eu era o cara do campo.</i>					de possuir multitarefas, além do lar e das crianças, ela também deve possuir atividades profissionais e intelectuais.
Então eu aprendi uma coisa, se você liga pra mim; quando Nati falou: você vem aqui, você pode vir no JesusCopy. Eu disse: vou falar aqui rapidinho com a minha mulher. Aí eu falo com a minha mulher, porque eu sei que <i>quando entra na cabeça dela, ela vai diminuir a velocidade, vai processar [...], ela vai trazer isso pra mim com muito mais clareza.</i>	Tempo de início: 00:34:18 Tempo final: 00:34:42 Interlocutor: entrevistado Fonte: JesusCopy, 2024.	MULHER É CUIDADORA	Cuidadora	Mulher	Mulher assume o papel de cuidar e orientar o marido em suas atividades do dia a dia. Além disso, é dever da mulher auxiliar o homem com sua rotina e afazeres, bem como o papel de uma cuidadora.
[...] porque tinha aquela mina lá que a gente até já comentou que saiu fora né, que tava com <i>probleminha.</i>	Tempo de início: 00:07:50 Tempo final: 00:07:56 Interlocutor: entrevistador 3 Fonte: BrainCast, 2024.	MULHER É FRÁGIL	Frágil	Mulher	Mulher é vista como uma figura delicada, por isso é mais suscetível a ter problemas psicológicos. Assim, a fragilidade é associada a uma vulnerabilidade emocional que define o feminino, excluindo-a de contextos desafiadores e de alta pressão.
Entrevistador 1: Essa edição em especial, a gente não consegue encaixar nesses [ininteligível]. Entrevistador 2: E todo mundo tem defeito. Entrevistador 3: Não tem essa menina <i>louca</i> que [gestos].	Tempo de início: 00:26:58 Tempo final: 00:27:07 Interlocutor: entrevistador 3 Fonte: BrainCast, 2024.	MULHER É LOUCA	Louca/Loucura	Mulher	O sexo feminino é considerado histórico, instável e exagerado, e por ser fora do padrão ideal, a mulher é considerada louca. O termo utilizado “Louca” foi selecionado para deslegitimar a autenticidade das experiências e decisões de uma mulher.

<p>Ela fez teatro na Célia Helena, aí a galera começou: pô é boy, boy. Não mas ela tinha uma bolsa, fazia no sábado, pai levava ela lá [...], ela fazia ensaios como modelo, e ela criou esse personagem que depois a gente fica na dúvida, o quanto é personagem e o quanto é ela, porque realmente ela tem um carisma muito específico.</p>	<p>Tempo de início: 00:27:43 Tempo final: 00:28:08 Interlocutor: entrevistador 1 Fonte: BrainCast, 2024.</p>	<p>MULHER É PERSONAGEM</p>	<p>Personagem</p>	<p>Mulher</p>	<p>Por ter personalidade própria, mulher é vista como personagem. O “real” da mulher é visto como uma representação performática e encenada.</p>
<p>[...] a Alanis que é uma das que faz a meiga, e ela fala com uma vozinha, e você vai se irritando [...] só que aí quando ela explodiu uma vez a galera começou a falar que ela tinha voz do Derrick Green do Sepultura [...] tiraram ela do personagem completamente.</p>	<p>Tempo de início: 00:40:11 Tempo final: 00:40:30 Interlocutor: entrevistador 3 Fonte: BrainCast, 2024.</p>	<p>MULHER É PERSONAGEM</p>	<p>Personagem</p>	<p>Mulher</p>	<p>O natural do feminino é falar de forma meiga, tudo que foge disso, torna a mulher uma personagem em atuação. Essa metáfora se comunica com a anterior, novamente a mulher é julgada por não agir como o homem acha coerente.</p>
<p>Apesar dos três agressores terem sido punidos, o que a Amber fez para merecer tamanha crueldade?</p>	<p>Tempo de início: 00:18:50 Tempo final: 00:18:57 Interlocutor: entrevistador Fonte: Arquivo Mistério, 2024.</p>	<p>MULHER É CULPADA</p>	<p>CULPADA</p>	<p>Mulher</p>	<p>As agressões cometidas a uma mulher são provocadas e causadas por ela mesma. A culpabilidade se atribui à vítima, responsabilizando a mulher por sofrer violência. Essa metáfora se relaciona com frases como: “Mas que roupa ela estava usando?” ou “O que ela estava fazendo sozinha a noite?”, normalmente utilizadas para tirar o foco do agressor e culpabilizar a mulher.</p>
<p>Entrevistador 1: E hoje espero terminar esse programa ainda</p>	<p>Tempo de início: 00:00:24</p>	<p>MULHER É OBJETO</p>	<p>Objeto</p>	<p>Mulher</p>	<p>Mulher é posse, é algo que pode ser trocado ou vendido, se</p>

comprometido. Espero não <i>perder</i> a cônjuge. [...] Entrevistadora: Mas por que você <i>perderia</i> ?	Tempo final: 00:00:36 Interlocutor: entrevistador 1 Fonte: Mau Acompanhado, 2024.				relacionando a uma propriedade de alguém. A coisificação coloca a mulher em uma posição de um simples objeto, desconsiderando a autonomia de uma mulher.
Entrevistador 1: E hoje espero terminar esse programa ainda comprometido. Espero não <i>perder</i> a cônjuge. [...] Entrevistadora: Mas por que você <i>perderia</i> ? Entrevistador 1: Ah não sei, às vezes ela vai entender aí de um jeito errado, as vezes faço um elogio para você Mary Joe, falo que você está <i>me abalando</i> .	Tempo de início: 00:00:36 Tempo final: 00:00:46 Interlocutor: entrevistador 1 Fonte: Mau Acompanhado, 2024.	MULHER É FORÇA DA NATUREZA	Força da natureza	Mulher	Mulher causa danos e gera impacto no estado emocional, sem intencionalidade. Dessa forma, assim como um fenômeno natural, ela é vista como uma influência poderosa e inevitável, que pode alterar o estado emocional de uma pessoa.
E assim, vale lembrar quanto tempo a gente tá falando aqui da perseguição da Wanessa e da Yasmin ao Davi, né, acho que, a Wanessa dizendo que não ia mais comer a comida que ele faz, <i>todo aquele drama que a Wanessa fez</i> .	Tempo de início: 00:21:16 Tempo final: 00:21:24 Interlocutor: entrevistador 2 Fonte: Mau Acompanhado, 2024.	MULHER É LOUCA	Louca/Loucura	Mulher	O comportamento de uma mulher é visto como exagerado, histérico e dramático, tornando-a instável emocionalmente. Ao agir de acordo com sua própria vontade, a mulher é rotulada como instável e irracional.
Eu acho que o maior desafeto dele era a Wanessa, e assim, ela saiu, ele conseguiu novos desafetos, por exemplo, a Lady não era desafeto dele, tudo bem, <i>o que que a Lady representa para esse Big Brother? Quase nada né</i> .	Tempo de início: 01:03:37 Tempo final: 01:03:46 Interlocutor: entrevistador 2 Fonte: Mau Acompanhado, 2024.	MULHER É OBJETO	Objeto	Mulher	Mulher tem pouco valor ou relevância, a coisificação a torna descartável e passível a ser ignorada. A mulher não possui importância, e por conta disso pode ser colocada em segundo plano.
A Leandra vai ficar feliz	Tempo de início:	MULHER É	Controladora	Mulher	Mulher tem poder de controle em

<p>comigo quando ouvir esse programa porque eu <i>to adestrado</i>; [...] <i>to domadinho</i>;</p>	<p>01:23:48 Tempo final: 01:23:55 Interlocutor: entrevistador 1 Fonte: Mau Acompanhado, 2024.</p>	<p>CONTROLADORA</p>			<p>relação ao sexo masculino. Essa visão reforça a ideia de que a figura feminina exerce influência sobre o comportamento masculino. Essa metáfora possui relação com as metáforas acima onde a mulher também é colocada em posição de dominação do homem.</p>
<p>[...] <i>A Pitel protagonizou uma grande semana e um grande paredão</i>, cara, e além de ter contribuído indiretamente pro fim do casamento do calabreso, ou seja, <i>Pitel tá em todas as narrativas</i>.</p>	<p>Tempo de início: 01:24:57 Tempo final: 01:25:05 Interlocutor: entrevistador 2 Fonte: Mau Acompanhado, 2024.</p>	<p>MULHER É PERSONAGEM</p>	<p>Personagem</p>	<p>Mulher</p>	<p>A caracterização da mulher como personagem, sugere que ela é tratada como um objeto narrativo, a qual, sua função principal é servir aos enredos e interesses de outros. Por ter visibilidade, a mulher perde sua personalidade e é considerada personagem em um enredo.</p>